

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

Projeto ILHA: design para um arquipélago de possíveis

Cristiane Mesquita e Thais Graciotti

Universidade Anhembi Morumbi

kekei@comum.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

Projeto I L H A : design para um arquipélago de possíveis

Cristiane Mesquita e Thais Graciotti

RESUMO

Este artigo narra parte da trajetória e das investigações do projeto I L H A, trabalho de design em processo, configurado como um disparador conceitual de linhas de produto, entendidas em aproximação com o conceito de “linhas de fuga”. O texto também explora algumas pesquisas e experimentações do projeto I L H A, tais como a intervenção sobre objetos ordinários ou superfícies neutras que envolvem a palavra como produtora de sentido; a apropriação como estratégia de invenção; as conexões entre os campos do design, da filosofia, da literatura e da arte; e a alteridade como potência de criação.

palavras-chaves: design, projeto I L H A, palavra, alteridade, linhas de fuga.

ABSTRACT

This article aims to describe part of the I L H A project research and trajectory. This design work in process has been configured as a trigger of a conceptual product lines seen on approach to the concept of "lines of flight". The text also explores some research and experimentation around the I L H A project, as the intervention in ordinary objects or neutral surfaces involving the word as a producer of meaning; the appropriation as a strategy of invention; the connections between the fields of design, philosophy, literature and art; and the otherness as a strength of creation.

key-words: design, I L H A project, word, otherness, lines of flight.

De ILHA para I L H A

Sonhar ilhas, com angústia ou alegria, pouco importa, é sonhar que se está separando, ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido; ou então é sonhar que se parte do zero, que se recria, que se recomeça (Deleuze, 2006:18).

Tudo começou a leste do Oceano Atlântico, mais especificamente a 20°19'09" de latitude sul e 40°20'50" de longitude oeste, em uma ilha formada por ilhas, Vitória, Espírito Santo. Thais Graciotti¹, dá início ao trabalho ILHA², em meados de 2003, como uma proposta artística que transita pelo campo da moda.

O projeto I L H A³ é reativado no ano de 2009, latitude 23°32'51"; longitude 46°38'10', na metrópole São Paulo, a partir de um encontro de trajetórias e de uma sintonia teórica, visual e artística. Sob o signo inicial da ILHA, a proposta de Cristiane Mesquita⁴ mira possibilidades de criação de arquipélago: linhas de produtos, abrigadas por este nome que permite derivas, ilhotas autônomas, desertas ou habitadas, paisagens a serem delineadas, a partir de referências nas tais sintonias teóricas, visuais e artísticas entre Graciotti e Mesquita. Nesse novo agenciamento, o projeto I L H A é disparado por um diálogo com fragmentos da obra do filósofo francês Gilles Deleuze: "A ilha é o mínimo necessário para esse recomeço, o material sobrevivente da primeira origem, o núcleo ou o ovo irradiante que deve bastar para re- produzir tudo" (Deleuze, 2006:21).

Causas e razões das ilhas desertas (Deleuze, 2006) e *O conto da ilha desconhecida* (Saramago, 1998) norteiam os primeiros traçados e rotas do projeto retomado e misturam investigações

¹ Artista e stylist. Mestre em Psicologia pelo Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade (PUC/SP). Professora e pesquisadora do curso de graduação em Design de Moda do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. thaisgraciotti@gmail.com.

² Em seu primeiro momento, I L H A é um projeto artístico de Thais Graciotti, artista desejanter por diálogos transversais com o design de moda, instigada pela precariedade das ligações entre os que habitam a ilha de Vitória. Parte do olhar sobre os moradores da Ilha das Caieiras (Vitória – ES) através do registro fotográfico de uma experiência vestível, propondo uma investigação sobre o conceito de ilha e sobre a roupa em conexão com os fluxos do mundo. Na camiseta, roupa usual, branca pelo contraste com a pele negra (maioria dos habitantes desta ilhota) e limpa de referências, a palavra ILHA é impressa – e também se torna imagem. A linha mapeada da ilha de Vitória emerge em meio ao branco da malha. Adesivos com a mesma palavra também são aplicados sobre corpos, objetos, lugares. A ação demarca territórios instaurados pela palavra - que se torna mapa/tatuagem - e multiplicam a ilha original, assim como criam novas relações entre os participantes.

³ www.ilhailha.wordpress.com

⁴ Mestre e doutora em Psicologia pelo Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade (PUC/SP). Professora e pesquisadora do Programa de pós-graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi/SP. Seus temas de pesquisa incluem interações entre design, corpo, subjetividade, processos de criação e arte contemporânea. kekei@comum.com.

teóricas, poéticas, projetuais e artísticas. A cartografia⁵ de referências inclui trabalhos dos artistas Mira Schendel, Lenora de Barros e Arnaldo Antunes⁶. *Mapas-mundi* e mapeamentos do corpo, lembranças de viagem, cartões postais e língua estrangeira referenciam os estudos de estampas sobre superfícies.

As primeiras linhas definidas para a produção da I L H A foram chamadas de **Terra firme**, **I L H A continente**, **I L H A do tesouro**, **I L H A de papel** e **I L H A ao cubo** (curiosos, úteis, baratos e originais).

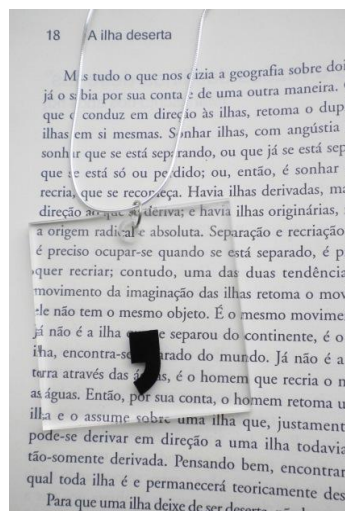
Linha de acessórios, a **I L H A do tesouro** é composta por traçados geométricos e impressão tipográfica com palavras, frases e pontuações que emergem do papel para o acrílico. A transparência se impõe como uma linguagem da ausência, que permite a criação de novas paisagens sobre pele ou superfície têxtil.

Os produtos da **I L H A de papel** são definidos por pequenos cadernos e carimbos executados em acrílico transparente, material que aqui permite a revelação da palavra por vir. Outros carimbos – estes contidos em minúsculas caixas de plástico leitoso – se configuram como *palavras portáteis*. *Lembrei de você*, **TUDO DE BOM**, *com amor*, **THE END**, *acaso*, *alegria* e **DESASSOSSEGO** são algumas das palavras cuja intenção revela desejo de diálogo: a ação-carimbar em diferentes superfícies – pele ou papel – propõe início de conversa, intervenção, modificação.

A linha **I L H A ao cubo** surge a partir de uma investigação sobre as significações e o juízo de valor que circundam objetos ordinários, encontrados à venda em lojas populares. Expressa uma das intenções do projeto I L H A, que envolve criações cuja base são produtos já existentes no mercado. Palavras agenciam significações para a funcionalidade de luminárias de parede, panos de prato, pregadores de roupa e espelhos. Estampadas ou adesivadas sobre os utensílios, convocam uma poética, (des)conectada da função primordial dos produtos.

⁵ Este princípio é referencial para o projeto ILHA, proposta em processo e concebida como um “mapa aberto, conectável em todas as suas dimensões, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 22).

⁶ **Mira Schendel** (Zurique, Suíça 1919 - São Paulo SP 1988). **Lenora de Barros** (1953 -). Vive em São Paulo, SP. Portifólio e cv disponíveis em: <<http://www.galeriamillan.com.br/>> Acesso em: 07 ago. 2010. **Arnaldo Antunes** (1960 -). Vive em São Paulo, SP. Portifólio e cv disponíveis em: www.arnaldoantunes.com.br. Acesso em: 10 mar. 2011.



>Imagens de divulgação dos produtos I L H A. Disponíveis em www.ilhailha.wordpress.com.

As linhas **Terra firme** – produtos para casa – e **I L H A continente** – camisetas e outras superfícies para o corpo – não se concretizaram na primeira leva de produção da I L H A e continuam em processo de experimentação e testes.

A segunda produção da I L H A encontra-se em fase de estudos e testes para aprovação de materiais. Nesta etapa, o enfoque de criação é mantido em estratégias tais como a inserção da palavra sobre superfícies e a re-significação de objetos de uso cotidiano, embora a investigação atual se concentre mais especificamente na questão da alteridade. Gilles Deleuze aparece nesse momento a partir de suas considerações no posfácio de *Sexta-feira ou os limbos do pacífico* (TOURNIER, 1991); *o Livro sobre o nada*, do poeta Manoel de Barros (BARROS, 2009) dialoga com a produção anterior realizada em acrílico; parte do trabalho do artista belga

filósofo considera o design - associado à técnica e à arte - como terreno e dispositivo capaz de maquinar estratégias em diversos sentidos, de modo a “deformar” o mundo, técnica, estética ou poeticamente.

As considerações de Flusser nos auxiliam a visualização de algumas das estratégias da I L H A, em diferentes aspectos, os quais abordaremos brevemente. Desde o seu (re)começo, o projeto busca disparar abordagens que se contraponham aos formatos convencionais de marcas e produtos que se colocam no mercado. O projeto I L H A não se apresenta como uma marca, mas como um *lugar*, um arquipélago traçado por linhas. Assim se configura, a *priori*, como espaço de relações e de aberturas, constituído por ações que envolvem 1) o trânsito nas fronteiras movediças entre arte, design, literatura e filosofia; 2) a produção intencional de uma certa imprecisão dos aspectos funcionais dos produtos e 3) o desejo por encontros, experimentado no trabalho colaborativo e no exercício de apropriação explícita e, por fim, 4) a proposta de não inserção na regularidade sazonal dos processos de produção e venda: o ritmo I L H A é pautado por pesquisas, leituras, experimentações e pela tessitura das histórias que permeiam a criação e o desenvolvimento de cada uma das ideias. A seguir, abordaremos alguns aspectos que envolvem essas estratégias .

Produção de sentido: a palavra e sua potência de derivação_____

“[...] o homem só pode viver sobre uma ilha esquecendo o que ela representa” (Deleuze, 2006:17)

Ao conduzir suas considerações sobre a representação, Foucault nos lembra diversos momentos nos quais a trajetória das palavras fez com que elas se aproximassem e se desviassem daquilo que designam. Sua análise sobre as diferentes formas e princípios de ligação entre palavras e coisas nos chama a atenção quando aponta o terreno da linguagem a serviço do desvio e da derivação. Ao deixar a similitude para trás, a linguagem e a escrita passam a poder assumir “o lugar das revelações” (Foucault, 1999:50).

O dispositivo palavra é utilizado em diversos produtos da I L H A. O rosto refletido no espelho que contém a frase “quem você levaria para uma ilha deserta?” faz o reflexo pessoal migrar para uma rota do desejo. Encarado como “paisagem” o rosto pode evocar a memória ou se abrir para “possíveis”. No caso das luminárias de parede, forma e estampa evocam frases, numa relação de analogia bastante simples: “você é luz” - declaração impressa no formato mais

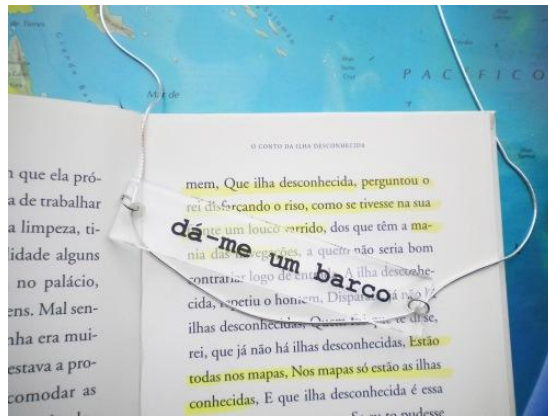
comumente referido ao amor; e “terra à vista”, constatação literal adesivada sobre a imagem iluminada de uma ilha.



>>>Imagens de divulgação dos produtos I L H A. Disponíveis em www.ilhailha.wordpress.com.

As palavras agem sobre as coisas. Nas linhas da I L H A, a reinvenção dos objetos ou superfícies se processa a partir do agenciamento provocado pela palavra. Verbetes ou frases tornam-se imagens que evocam sentidos para além do objeto original. Sensíveis à imaginação, os objetos apresentam-se como que inacabados, convocando uma articulação feita pelo usuário, que pode explorar o diálogo entre imagem/objeto/escrita. **SIM** - palavra central de um dos trabalhos de Mira Schendel⁹ e afirmação de uma positividade singular - é potencializada na superfície silenciosa e transparente do acrílico. Carregado no pescoço, o colar **SIM** conversa com o corpo e com o cotidiano, abrindo espaço para jogos entre pele, roupa e vida. *Dá-me um barco*, disse um homem que foi bater à porta do rei, em busca de uma ilha desconhecida (SARAMAGO, 1998:5). O conto narra uma procura pelo “impossível”, a partir da qual o sujeito encontra sua própria capacidade de invenção. Este pedido, tornado frase sobre placa de acrílico em colares I L H A, faz circular desejo e provoca o imaginário, insinuando possibilidades em torno da ação de fuga.

⁹ Sem título [Sim], déc. 1960. Ecoline e nanquim sobre papel, 48x38 cm. Coleção particular, São Paulo (DIAS, 2009).



>>>> Colares em acrílico e prata: **SIM**, referência à obra de Mira Schendel e **dá-me um barco**, frase retirada d’*O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago

A I L H A habitada: alteridade e apropriação

“Os outros: o melhor de mim sou eles” (BARROS, 2009:73).

A apropriação de trabalhos de artistas, escritores e filósofos é uma estratégia assumida pelo projeto I L H A como um mecanismo funcional, encarado como uma espécie de processo de criação coletiva, embora os companheiros de cada *viagem* não estejam realmente presentes. “Sair da ilha para ver a ilha, que não vemos se não saímos de nós” (SARAMAGO, 1998: 41): a I L H A encara esses “outros” referenciais como alteridades que também assinam os processos de criação. Em outras palavras, é como se a autoria dos produtos devesse ser necessariamente diluída e multiplicada ao mesmo tempo, como numa composição de cruzamentos. É novamente Deleuze quem dialoga com a I L H A quando afirma ser outrem aquele que faz “meu desejo baixar sobre o objeto” (DELEUZE, in TOURNIER, 1991: 230).

Essa estratégia assumidamente referencial se remete à “astúcia” que pode adjetivar o trabalho do designer, tal como apontado por Flusser (2007:181). No contexto da I L H A, considera-se que esses *roubos* são capazes de inventar outros mundos e, portanto, se distanciar da ideia de cópia e se aproximar da configuração de uma multiplicidade que instaura novos territórios. Sobre Robson Crusóe e a criação de uma estratégia de sobrevivência na ilha deserta, Tournier comenta: “outrem é para nós um poderoso *fator de distração*, não apenas porque nos perturba constantemente e nos arranca ao pensamento atual, mas ainda porque a simples possibilidade do seu aparecimento lança um vago luar sobre um universo de objetos situados a margem da nossa tensão mas capaz a todo momento de se tornar o centro” (TOURNIER, 1991: 32. Grifo do autor). Juntamente à narrativa de Tournier, o modo como Deleuze, trata a

potência de outrem no posfácio do livro *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*¹⁰ inspirou a criação do cantil **SEXTA-FEIRA**. O nome do outrem da ilha deserta, impresso sobre a garrafa, multiplica os possíveis significados de um recipiente portátil para bebida, assim como a nomenclatura de um dia especial da semana lança possibilidades de encontro ao imaginário.



>>>> Cantil **SEXTA-FEIRA**, em aço inoxidável: referência ao personagem dos livros *As aventuras de Robson Crusóe* e *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*.

_____ **Linhas de fuga: garrafas ao mar em horizonte aberto** _____

“Graças à palavra design, começamos a nos tornar conscientes de que toda cultura é uma trapaça, de que somos trapaceiros trapaceados, e de que todo envolvimento com a cultura é uma espécie de autoengano” (FLUSSER, 1991:185). Uma vez mais convocamos Flusser para articular as estratégias de design da I L H A com o conceito de “linha de fuga”¹¹. Para delineá-lo, Deleuze prefere o termo traição: trair é o verbo que instala uma configuração diversa da original. Se o trapaceiro almeja ocupar um espaço já traçado, o traidor não: ele deseja um lugar ainda não inventado, lugar algum, lugar *entre*. É um experimentador que dissolve o pré-estabelecido, desmantela o lugar dos outros e, até mesmo, seu próprio lugar.

Nesse sentido, considera-se que as linhas de fuga da I L H A dizem respeito a um “fazer fugir”: são saídas em transversal, que resistem, que contestam, que escapam pela invenção. São

10 DELEUZE in TOURNIER, Michel. *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

11 DELEUZE; PARNET. 1998: 49-64.

filamentos capazes de tramar territórios. Entre outros, também aqueles que entrelaçam palavras e coisas.

Com a maré, a I L H A fez-se enfim ao mar
(SARAMAGO, 1998, apropriado e modificado por
I L H A, 2011).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- >BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. (14ª Edição) Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- >DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos (1953-1974)*. Org: David Lapoujade e Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.
- >DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- >_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol.4. São Paulo: Editora 34, 1996.
- >DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- >DIAS, Geraldo Souza. *Mira Schendel: do espiritual à corporeidade*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- >FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. (8ª edição) São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- >FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- >SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- >TOURNIER, Michel. *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.